

# **CONIC-SEMESP** 14º Congresso Nacional de Iniciação Científica

**TÍTULO:** O CULTO À PERFORMANCE E A SAÚDE DO TRABALHADOR

**CATEGORIA:** CONCLUÍDO

**ÁREA:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**SUBÁREA:** PSICOLOGIA

**INSTITUIÇÃO:** UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO

**AUTOR(ES):** SELMA BENEDITA CARDOSO

**ORIENTADOR(ES):** CRISTINA MIYUKI HASHIZUME

**COLABORADOR(ES):** DEOCLECIANO SILVA LEMOS

Realização:



Apoio:



## O CULTO À PERFORMANCE E A SAÚDE DO TRABALHADOR

DEOCLECIANO PEREIRA LEMOS<sup>1</sup>  
SELMA REGINA BENEDITA CARDOSO<sup>2</sup>  
CRISTINA MIYUKI HASHIZUME<sup>3</sup>

### Resumo:

O presente trabalho colabora com as discussões sobre a saúde do trabalhador no contexto de trabalho nas grandes corporações de centros urbanos. Propõe-se a relacionar o discurso do *culto da performance* no trabalho ao engendramento da subjetividade dos trabalhadores na sociedade pós moderna. Em grandes cidades no país, é notória a constituição de modos de subjetividades que se adequam às exigências do trabalho, o que Rolnik/ Guattari chamou de subjetividades capitalísticas. Modos de ser mais flexíveis, fluidos, à deriva, ilegíveis e que denunciam uma lacuna na moral/ ética comportamental nas corporações. Deparamo-nos com uma subjetividade que é demandada ser proativa e autônoma, ao passo que as condições de trabalho se mostram avessas ou impeditivas ao requerido. Dessa forma, estudos mostram que os trabalhadores têm feito uso de psicotrópicos para se adequarem ao exigido, e ao mesmo tempo, controlarem suas ansiedades, insônias, stress e ajudarem o trabalhador a se moldar ao perfil requerido do trabalhador. Nosso trabalho conclui que uma visão mais humanizadora e clínica deve ser desenvolvida para compreender as demandas do trabalhador na pós modernidade, enfatizando o lado humano desse trabalhador. Apesar da cobrança fatigante que o trabalho nos demanda, é necessário um movimento de “decrecimento” que seria abrir mão do desenvolvimento a qualquer custo, pensando apenas no retorno financeiro deste. O retorno à humanização das relações, ao respeito à coletividade, às relações humanas e à volta de uma preocupação ética para com o próximo são propostas dessa teoria proposta pelos países mais avançados, que concluíram que o desenvolvimento a todo custo pode trazer conseqüências indesejáveis à humanidade,

*Palavras-chave: Subjetividade do trabalhador; performance; novas relações no trabalho; sociologia do trabalho; psicologia do trabalho.*

---

<sup>1</sup> Aluno do 2º ano do curso de Sistemas da Informação, UNIAN.

<sup>2</sup> Aluna do 2º ano do curso de Bacharelado em Administração de Empresas, UNIAN.

<sup>3</sup> Profa. Dra. Em Psicologia do Trabalho – UNIAN- Orientadora da Pesquisa.

## INTRODUÇÃO:

O trabalho, em nossa perspectiva, é central na construção da subjetividade do indivíduo. Ao exercer uma atividade, o indivíduo se constrói e transforma o mundo de modo a exercitar sua criatividade e inteligência, fazendo uso de si por si (ANTUNES, 2002). Nesse sentido, suas experiências e vivências diversificadas devem ser por ele próprio ressignificadas com vistas a romper com a visão ideológica e alienada do trabalho. Marx já nos pontuava sobre o grande perigo de nos animalizarmos com a mecanização, fragmentação e alienação a que o sistema capitalista nos submete.

Apesar de já termos superado modelos de trabalho que desconsideravam a inteligência do funcionário, encarando-o como máquina, como os modelos Taylorista e Fordista, e termos ingressados numa nova ordem de relações organizacionais mais horizontalizadas que valorizam a participação e a criatividade do funcionário (Toyotismo), ainda é notável a exploração desigual da empresa em relação ao funcionário em nome da ética do capital (RIBEIRO, 2009).

O mundo pós moderno rompe com paradigmas e parâmetros estáveis da organização do mundo moderno, inserindo valores como o risco, a flexibilidade, a ilegitimidade, deixando o trabalhador à deriva da possibilidade de planejar sua carreira profissional a médio ou longo prazo. (SENNET, 1999) Com isso, deparamo-nos com um trabalhador que tem a sua rotina e valores (caráter) desvirtuados por uma lógica que prioriza a subserviência às mudanças instantâneas do mercado. Sennet (2000) propõe um entendimento de que o caráter do trabalhador pós moderno está corroído, tamanha é a instabilidade e a dificuldade de se manter os laços e compromissos entre trabalhadores e destes com a chefia. Rolnik (1999) anuncia que nas relações humanas no sistema capitalista, configura uma subjetividade capitalística, que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies: sociais, econômicas, tecnológicas, de mídia, etc.

Frente a esse cenário, surge um novo paradigma, que elegemos como nosso problema de pesquisa, que instiga os trabalhadores e grandes empresários a cultivar a sua auto performance (EHRENBERG, 2010). Os trabalhadores não se mantêm mais nas suas

atividades pela sua experiência, conhecimentos, boas relações de lealdade com a corporação, mas assim, como num jogo esportivo, aquele que mostra maior competitividade se adéqua melhor ao perfil esperado pelas empresas. O trabalhador que demonstra alta performance em relação às metas estipuladas é o que está no top dos mais requisitados pela corporação, até o momento em que a sua produtividade sofra uma queda. A figura do *workaholic*, outrora vista como uma patologia, hoje é considerada o ideal de dedicação no trabalho. O mundo do trabalho pós moderno assimila o discurso do competidor esportista: por se tratar de um jogo, ainda que as metas não tenham sido alcançadas naquela ocasião, há novas oportunidades de se recuperá-la, em outras partidas. Dessa forma, controla-se o sujeito de forma onipresente, como já havia teorizado Delleuze (1992), em sua sociedade do controle. Invaso por essa lógica que os controla todo o tempo, o trabalhador pode refletir para além do cotidiano de trabalho? Há formas de se escapar dessa onipresente ética do capital e da produtividade? Nosso projeto defende que sim, a partir de teorias que pregam o decréscimo econômico.

### **OBJETIVOS:**

Objetivamos relacionar o discurso do *culto da performance* no trabalho ao engendramento da subjetividade dos trabalhadores no mundo laboral pós moderno.

### **MÉTODO:**

Optamos por fazer um estudo bibliográfico, aprofundando-nos em teorias que explicam as mudanças organizacionais nesse novo cenário, assim como as consequências dessas mudanças no engendramento do modo de ser do trabalhador da pós modernidade. Por fim, a pesquisa bibliográfica foca as possibilidades num médio prazo para se recuperar a perda na qualidade de vida do trabalhador em questão.

### **RESULTADOS/DISCUSSÃO:**

Por não se tratar de uma máquina produtiva, a estrutura anátomo-fisiológico-cultural do ser humano não resiste a tamanha cobrança e acaba por fraquejar por alguns motivos: pressão psicológica pelas metas, cansaço físico e mental ou pura impossibilidade real de se alcançar tais infinitas metas de crescimento empresarial. Frente a esse cenário, num mundo imediatista em que imperam solicitações sempre a curto prazo, surge mais um discurso que se agrega ao citado: o discurso Médico e farmacológico. O paradigma médico/ farmacêutico se impregna na sociedade, em primeiro lugar, com seu saber legitimado e tido como mais importante do que quaisquer análises sócio-político-conjunturais; em segundo lugar, esse discurso especializado, que tem o poder da verdade, incentiva o uso de medicamentos para sanar o que é “considerado” doença nesses tempos líquidos (BAUMAN,2000). Visto como entraves à produtividade, manifestações como o stress, insônia, ansiedade, letargia são medicados, pois, numa sociedade do “curto prazo” não se tem tempo para discutir a etiologia dessas “doenças”. Por outro lado, na visão de corpo como máquina produtiva, “azeita-se suas engrenagens” com relaxantes musculares, estimulantes, calmantes, antidepressivos e outras drogas lícitas que a indústria farmacêutica tem se dedicado arduamente a criar (ZORZANELLI,2009; PILLÁN, 2008; EHRENBORG, 2010). Dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) da Anvisa indicam que o consumo anual de metilfenidato (Ritalina/ Concerta) industrializado no Brasil entre 2009 e 2011 mais que dobrou no período, sendo os indivíduos entre 6 e 16 anos os principais consumidores.

Podemos dizer que a postura proativa, auto-reguladora do trabalho é engendrada pela cobrança pela produtividade, constituindo um modo de ser que exige do trabalhador um funcionamento resultado dessas expectativas de produção. Nesse sentido, podemos dizer que o modo de produção capitalista no trabalho forma um tipo de subjetividade, resultado desse contexto mais amplo.

Devido ao medo decorrente da constante ameaça de demissão, o trabalhador não pode se opor radicalmente contra esse contexto. Acaba por criar estratégias que lhe “confortem” sem deixá-lo completamente à deriva. A precariedade do trabalho não atinge apenas os trabalhadores terceirizados ou quarteirizados, mas afetam também a vivência e a conduta de todos que trabalham. Tal precarização acarreta algumas

consequências ao trabalhador e ao seu modo de ressignificar o mundo, são eles: a intensificação do trabalho e o aumento do sofrimento subjetivo; neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, contra a dominação e contra a alienação; silenciamento dos trabalhadores, que se cegam/ ensurdecem como uma estratégia defensiva que os impede de se sensibilizar com a precariedade dos outros e a de si próprio; e por último, o individualismo: “a partir de um certo nível de miséria, ela destrói a reciprocidade”. (DEJOURS, 1999) Parece haver uma aceitação geral por parte dos trabalhadores e da gestão em relação ao trabalho sujo, este entendido como trabalho baseado em mentiras, exploração e racionalização de tais práticas: ações necessárias para se atingir às infundáveis metas que avaliam apenas quantitativamente o trabalho humano.

Agora retomamos a pergunta acima feita sobre essa questão: É possível reverter essas práticas perniciosas e “sujas” no mundo do trabalho? Há como intervir na realidade, problematizando essas questões? É possível recuperar a ética coletiva como espaço privilegiado para a luta contra o medo da demissão?

Um referencial teórico que nos dá instrumentos para trabalhar com essa questão é a Psicossociologia Clínica, ou Psicologia Social Clínica, de autores franceses (LÉVY, NICOLAÏ, DUBOST, GAULEJAC, BAURUS-MICHEL, PAGÈS) e brasileiros (BARROS, ARAÚJO, CASTRO, MACHADO) que propõem intervenções clinico-institucionais contextualizadas no espaço-tempo e focadas na peculiaridade do grupo em questão. Etimologicamente, clínica significa “observar diretamente, junto ao leito do paciente. O termo se traduz em chinês por dois caracteres muito usuais, que significam, respectivamente, estar ‘perto de’ ou ‘em face de’ e ‘leito’”. (SEVIGNY, 2001:15). A partir dessa abordagem, as Ciências Humanas, utilizando-se transversalmente de diferentes saberes, compreendemos que os problemas não recaem sempre e apenas sobre indivíduos, mas devem ser compreendidos em sua complexidade: dentro de grupos, organizações, acontecimentos, situações sociais particulares, que são examinados sob o ângulo de sua singularidade e especificidade. Não se trata de curar ou de apenas cuidar; a preocupação é de mudar, de prevenir ou de melhorar uma dada situação, encontrando possíveis respostas a problemas reais.

A abordagem clínica da Psicossociologia e da Psicologia Social Clínica nos permite problematizar situações instituídas, analisando o *status quo* vigente. Entendemos que os grupos são lugares privilegiados de análise: constituem o que forma a “espessura do social, a opacidade de uma palavra que não se reduz a um conteúdo e nunca coincide perfeitamente com os discursos construídos, instituídos e reproduzidos em outros espaços” (LEVY, 2001: 190). Pagès (1993) e Enriquez (2000) nos abrem novas possibilidades de entendimento do cenário institucional/ organizacional, apontando o poder ideológico e mediador que as organizações exercem sobre os seus trabalhadores.

A partir das leituras de textos da Psicossociologia clínica, pretendemos colocar em análise coletiva o trabalho desempenhado, de modo a romper com práticas e explicações cristalizadas, que em nada contribuem para a invenção de novos modos de entender o trabalho. Nesse sentido, a partir deste referencial teórico, estamos abertos a construir com os alunos uma nova metodologia para compreender e transformar a atividade humana no trabalho.

A visão da Psicossociologia Clínica se soma à proposta do Descrescimento, em que Latouche (2010) propõe a possibilidade de melhorar as relações humanas e qualidade de vida do trabalhador através do descrescimento econômico, que se mostra, na prática, por exemplo, em menos ambição e lucro, menos voracidade frente às finanças para dar lugar ao respeito ao ritmo de trabalho humano, social, falho, às vezes, mas que reflete nossa especificidade como pessoas, e não como recursos, insumos ou patrimônios de uma grande corporação. Tal teoria, proposta em países desenvolvidos como França, Alemanha, segundo o autor, deve ser seguida por países em desenvolvimento, já que estes ainda teriam seus recursos, em partes, preservados. Mudar a concepção do homem sobre o desenvolvimento e os benefícios decorrentes dele passa a ser uma proposta ético-política, que deve se preocupar muito mais em garantir condições de vida melhores a uma coletividade do que se reduzir a interesses privados de um indivíduo ou grupo específico.

## CONCLUSÕES:



A visão contextualizada da Psicossociologia Clínica e da teoria do decrescimento propõem, cada um à sua ótica, uma preocupação clínica/ planetária humana para além do imediatismo e das decisões egocêntricas que visam apenas a performance imediata. Preocupar-se com outras gerações que nos sucederão é um primeiro passo para se construir relações mais pautadas em humanismo e qualidade de vida, à despeito de números e cifras que, aparentemente podem nos parecer neutras e ingênuas, mas que uma análise psicossociológica nos mostra que trazem consigo significativos interesses excludentes e intolerantes com o modo de produção de subjetividades.

#### **FONTES CONSULTADAS:**

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. Campinas: UNICAMP, 2002.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAURUS-MICHEL, J. *O sujeito social*. Belo Horizonte, PUC Minas, 2004.

BENDASSOLI, P. *Os ethos do trabalho sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. tese (Doutorado em Psicologia Social). USP. 2006.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. São Paulo: FGV, 1999.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Letras e Ideias, 2010.

ENRIQUEZ, E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: MACHADO, M. N. M.; CASTRO, E. M.; ARAÚJO, J. N. G. & ROEDEL, S. (Orgs.), *Psicossociologia. Análise social e intervenção* (2ª ed., pp. 27-44). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GAULEJAC, Vincent de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.



- LATOUCHE, S. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: WMF, 2009.
- LÉVY, A. A psicossociologia: crise ou renovação? In MACHADO, M.N.M.et alli. *Psicossociologia. Análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MENEGHEL, S.N. & GUIMARÃES, C.F. Subjetividade e saúde coletiva: produção de discursos na re-significação do processo saúde-doença no pós-moderno. *Revista mal estar e subjetividade*. Fortaleza, v. III, n. 2. Set, 2003.
- PAGÈS, M. et alli. *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.
- PILLAN, L.A.; BENSEÑOR, I.M. Síndromes funcionais somáticas. *Revista Medica* 87(4), São Paulo, 2008. pp. 238-44.
- RIBEIRO, Marcelo Afonso. *Psicologia e Gestão de Pessoas: reflexões críticas e temas afins (ética, competência e carreira)*. São Paulo: Vetor, 2009.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. São Paulo: Record, 2008.
- ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. A fadiga e seus transtornos. *História, Ciências, Saúde* – Manginhos, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set., p.605-620, 2009.